

A POESIA EM HEIDEGGER

Aluno: Pedro Bonfim Leal
Orientador: Eduardo Jardim

Introdução

O pensamento de Heidegger apresenta uma nova formulação sobre a poesia, bem distante da concepção tradicional. Ao invés de situá-la como objeto de estudo da estética, o filósofo a entende a partir do papel central que ocupará em sua ontologia.

Objetivos

Este trabalho pretende pensar a relação entre a verdade e o poético proposta por Heidegger. Outras questões importantes para o filósofo e relacionadas à poesia são analisadas, como o Ser, a habitação humana, a era da técnica, a serenidade, etc.

Metodologia

O trabalho se desenvolveu pela leitura de textos de Heidegger, assim como de comentadores de sua obra. As dúvidas decorrentes das leituras foram discutidas em encontros com o orientador.

Conclusão

Pensar o ser é a tarefa principal proposta pela filosofia de Martin Heidegger. Segundo este, a verdade deve ser entendida a partir da relação do homem com o ser. A metafísica, apesar de se propor sempre a perguntar pelo ser, não possui mais olhos para ele. Isto porque, segundo Heidegger, a metafísica, desde a sua fundação com Platão, questiona o ser, mas procurou a resposta em um ente. O ser, deste modo, não foi devidamente pensado dentro daquilo que Heidegger chama de diferença ontológica – a sua radical dessemelhança com o ente.

No curso da metafísica, que, como pensa Heidegger, é a própria história do Ocidente, a forma indevida como o ser foi pensado se desenrolou como o seu esquecimento. Cada vez mais, o ente ganhou importância até o ponto em que, na contemporaneidade, o ser se tornou uma questão sem sentido para a filosofia.

Este esquecimento radical se evidencia na contemporaneidade pelo modo predominante de relacionamento com o mundo. É a técnica, desenvolvida pelas ciências e aplicada na fabricação e utilização de bens de consumo, que possui a voz predominante. Os avanços tecnológicos e os bons resultados alcançados pelas pesquisas científicas sugerem que o homem se encontra numa época mais avançada do que todas as outras. No entanto, na conferência “...poeticamente o homem habita...”, Heidegger afirma que “nosso habitar está sufocado pela crise habitacional” [1], se referindo justamente a esta época aclamada como evoluída.

A total imersão nos entes é um sintoma do esquecimento do ser na era da técnica. A ciência quer saber e desenvolver o conhecimento sobre os entes apenas para ter controle sobre tudo. Deste modo, o homem se coloca como soberano de um mundo que pensa estar à sua disposição. A fome de conhecimento, no entanto, esconde uma pobreza de pensamento e um desenraizamento do homem de suas próprias origens.

O papel ontológico conferido por Heidegger à poesia evidencia, num primeiro momento, esta crise habitacional, referida acima. Além disso, o filósofo mostra como o poetizar precede qualquer forma de relacionamento com o mundo e funda a habitação do homem. O habitar fundado pela poesia não é aquele do simples morar aqui ou ali, mas o da instauração de um mundo. A esse instaurar, o filósofo nomeia de acontecimento da verdade.

Heidegger utiliza *Da-sein* para se referir ao ser humano, pretendendo com isto não o mero estabelecimento de um aparato terminológico próprio, mas sim o apontar de uma importante característica. O homem é, dentre todos os entes, o único que habita um mundo, ou seja, é um ser-no-mundo. O mundo se dá onde o ser se desve lou, é o espaço da clareira do ser.

Segundo Heidegger, a relação entre o homem e a clareira não é algo pronto, mas depende do momento fundador proporcionado pelo poeta e o pensador. A instauração da verdade possui a estrutura de um acontecimento no qual o ser irrompe e chega à materialidade através da palavra. No entanto, o acontecimento da verdade antecede a articulação da fala. Deste modo, Heidegger enfatiza a necessidade de o poeta e o pensador se porem em guarda numa escuta atenta.

A poesia e o pensamento, através da escuta do apelo do ser, instauram o espaço da clareira. Este apelo é silencioso e o escutar cuidadoso desse silêncio é capaz apenas para a filosofia e a poesia por estes se relacionarem com a linguagem de maneira essencial. Poetas e pensadores constituem o idêntico (entendido como o mesmo) pois, cada um a seu modo, possuem a tarefa de trazer o ser à palavra. São diferentes essencialmente enquanto o pensamento se esforça para explicitar o ser e o poeta apenas o dita, respeitando seu mistério.

Mistério, como define Heidegger, é o traço fundamental daquilo que ao mesmo tempo se mostra e se oculta. A habitação autêntica do homem só é possível na medida em que este respeite e se detenha ante o misterioso. A poesia, deste modo, também lembra ao homem esta dimensão que a era da técnica desaprendeu a respeitar.

Referências

- 1- HEIDEGGER, Martin. **Vorträge und Aufsätze**. ed. Neske. Tübingen 1967. 80 p.
- 2- HEIDEGGER, Martin. **Que é isto- a filosofia**. Os pensadores; editora Nova Cultural. São Paulo 2000. 301p.
- 3- WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger**. Ed. Edusp, São Paulo, 2004. 212 p.
- 4- PÖGGELER, Otto, **Martin Heidegger's path of thinking**. Tradução (para o inglês) por D. Magurshak e S. Barber. NJ: Humanities Press International, Inc., 1987. 295p.